

Vida em comunhão

Vida em comunhão

DIETRICH BONHOEFFER

Traduzido por Vilson Scholz



MUNDO CRISTÃO

Copyright da tradução © 2022 por Editora Mundo Cristão

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Marina Timm

Ricardo Shoji

Capa

Jonatas Belan

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

B697v

Bonhoeffer, Dietrich, 1906-1945

Vida em comunhão / Dietrich Bonhoeffer ; tradução
Wilson Scholz. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
128 p.

Tradução de: Gemeinsames leben
ISBN 978-65-5988-103-1

1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. I. Scholz, Wilson.
II. Título.

22-77066

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade

1ª edição: junho de 2022

Sumário

<i>Nota do tradutor</i>	7
<i>Prefácio</i>	11
1. Comunhão	13
2. A comunhão ao longo do dia	39
3. O dia em isolamento	78
4. O serviço	94
5. Confissão de pecados e Ceia do Senhor	115

Nota do tradutor

O livro *Vida em comunhão* (em alemão, *Gemeinsames Leben*, que poderia ser traduzido também por “Vida comunitária”) foi publicado em 1939, tornando-se a obra de Bonhoeffer que teve a maior circulação enquanto o autor viveu. Esses dados tornam-se mais significativos quando colocados dentro do contexto de sua vida.

Dietrich Bonhoeffer nasceu em fevereiro de 1906 e foi morto numa prisão nazista, em abril de 1945, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Ele tinha sido preso em abril de 1943.

A família Bonhoeffer não era particularmente religiosa, mas aos 15 anos de idade Dietrich já tinha decidido que seria teólogo. Ele terminou o curso de Teologia em 1927, e seu trabalho de conclusão se intitula *Sanctorum Communio* [A comunhão dos santos]. Esse texto, que viria a ser publicado em 1930, já revela um interesse pelo tema da eclesiologia.

No início da década de 1930, Adolf Hitler tornou-se primeiro-ministro da Alemanha. Em 1934 foi organizada a Igreja Confessante (*Bekennende Kirche*), em oposição à Igreja do Reino (*Reichskirche*), a igreja evangélica oficial que estava alinhada com o regime nazista. Bonhoeffer era pastor da Igreja Confessante, que logo foi declarada ilegal e passou a ser perseguida.

A Igreja Confessante tinha vários seminários destinados à formação de pregadores. Depois de cursar Teologia numa universidade, os candidatos ao pastorado tinham de passar algum tempo num desses seminários. A direção do Seminário de Finkenwalde foi entregue a Bonhoeffer, em 1935. Finkenwalde era uma localidade na região da Pomerânia (bem ao norte da Alemanha), nas imediações da cidade de Stettin, que hoje faz parte da Polônia.

Em 1937, ainda como diretor do seminário, Bonhoeffer publicou *Discipulado* (em alemão, *Nachfolge*, literalmente “Seguimento”). De certa maneira, *Vida em comunhão*, publicado dois anos depois, é a tentativa de concretizar o que aparece na obra *Discipulado*.

Ainda em 1937, em 28 de setembro, a polícia secreta do Estado nazista fechou o Seminário de Finkenwalde. À luz disso pode-se dizer que *Vida em comunhão* não teria sido escrito, pelo menos não naquele momento, se a experiência comunitária de Finkenwalde não tivesse sido encerrada de forma violenta pela polícia. Como o Prefácio da obra deixa transparecer, Bonhoeffer estava convencido de que a igreja precisava buscar novas formas de vida comunitária. *Vida em comunhão* era apenas uma “contribuição individual” para um tema mais abrangente. A obra foi escrita em setembro e outubro de 1938. Bonhoeffer escreveu praticamente sem parar, durante as quatro semanas de férias que passou na casa de sua irmã gêmea, Sabine.

O livro reflete mais ou menos o tipo de vida que se levava em Finkenwalde. Não se trata, portanto, de um escrito programático, ou seja, algo que Bonhoeffer queria que acontecesse, mas um relato do que, em grande parte, acontecia naquele seminário. Em Finkenwalde, a vida em comunhão

incluía a escuta regular e comunitária da Palavra de Deus, atividade teológica (afinal, era um seminário) e convívio social. As refeições tinham também um pouco do caráter de uma ágape da igreja dos primeiros tempos.

Ao ser publicado, em 1939, *Vida em comunhão* causou profundo impacto. Aquilo era algo totalmente novo no contexto da Alemanha protestante. Essa observação se faz necessária, porque é raro o leitor que não tenha algum estranhamento diante do que Bonhoeffer escreve. Ainda durante a breve existência do Seminário de Finkenwalde, entre 1935 e 1937, já circulavam, na Alemanha, rumores a respeito das “terríveis heresias” daquele local. Falava-se sobre (ou contra) práticas católicas e atividades pacifistas de cunho entusiasta e radical. (Bonhoeffer era, de fato, pacifista, mas a partir de certo momento passou a ser ativista, tendo inclusive participado de uma conspiração para assassinar Hitler, liderada por seu cunhado Hans von Dohnanyi.) Os próprios alunos mostravam-se resistentes a diversos aspectos dessa “vida comunitária”. Especialmente impopular era o período de meia hora de meditação silenciosa no começo do dia. Consta que apenas Bonhoeffer sabia como preencher aquele tempo. Alguns alunos fitavam o vazio, enquanto outros liam comentários bíblicos. Alunos de outros seminários caçoavam, dizendo que em Finkenwalde meditava-se até mesmo durante a escovação dos dentes, logo ao levantar. A situação chegou a tal ponto que, certa noite, o assunto foi discutido abertamente no seminário. Conforme o relato de Eberhard Bethge, amigo e biógrafo de Bonhoeffer, ele ouviu tudo o que os alunos tinham a dizer, mas a prática não foi modificada. Bethge constata que, mesmo deixando tudo entregue à liberdade dos envolvidos, as sugestões de

Bonhoeffer sempre eram feitas de tal forma que os alunos sabiam que tinham de concordar.

Bonhoeffer era pastor e teólogo luterano. Isso se mostra não apenas no fato de ele citar Lutero, mas também no enfoque adotado em boa parte do que escreve. Polaridades como condenação e justificação, lei e evangelho são típicas da teologia luterana. A ênfase na confissão de pecados diante de um irmão com vistas à absolvição, que é uma das surpresas do texto na parte final, nada mais era que uma tentativa de recuperar uma prática comum entre os luteranos do século 16 (como mostra o Artigo XI da Confissão de Augsburg). Além disso, o leitor nota que Bonhoeffer cita livros apócrifos ou deuteroacanônicos, como, por exemplo, Eclesiástico. Esses livros estão na Bíblia de Lutero, e raramente um evangélico não luterano faria citação de tais obras.

Traduzir Bonhoeffer é um considerável desafio. Ele faz uso de um vocabulário rebuscado e tem formas de expressão bem peculiares. Não é necessário explicar todas as estratégias de tradução adotadas, mas cabe um comentário sobre o termo alemão *Gemeinsam* (“comum”), que aparece repetidamente. Usamos tanto “comunhão” quanto “comunidade”, a depender do contexto.

As notas de pé de página foram acrescentadas pelo tradutor. Foram extraídas de dados que aparecem na biografia escrita por Eberhard Bethge e intitulada *Dietrich Bonhoeffer: Theologe, Christ, Zeitgenosse* [Dietrich Bonhoeffer: teólogo, cristão, homem de seu tempo].

Prefácio

Faz parte da natureza do assunto tratado que a pesquisa em torno dele apenas pode ser levada adiante por meio de trabalho comunitário. Por ser matéria que não interessa apenas a um círculo restrito, pois é tarefa que cabe à igreja como um todo, também não convém apresentar soluções aleatórias, em maior ou menor número, visto que é uma responsabilidade comunitária da igreja. O compreensível receio que acompanha a realização dessa tarefa, formulada em época tão recente, precisa gradualmente dar lugar a uma disposição eclesiástica para a cooperação. A diversidade de novas formas de comunhão eclesiástica torna necessária a atenta cooperação de todos os que têm alguma responsabilidade em relação a isso. A exposição que segue não pretende ser mais que uma contribuição individual para esse tema tão abrangente e, na medida do possível, também uma ajuda para o esclarecimento do assunto e para a prática da comunhão.

Comunhão

“Veja como é bom e agradável que irmãos vivam lado a lado em união” (Sl 133.1).¹ Naquilo que segue, quero analisar alguns conselhos e orientações que as Escrituras Sagradas nos dão a respeito da vida em comunhão sob a Palavra.

Para um cristão, não é algo totalmente óbvio que ele possa viver em meio a outros cristãos. Jesus Cristo viveu em meio a seus inimigos. No final, todos os seus discípulos o abandonaram. Na cruz, ele estava completamente sozinho, rodeado de malfeitores e zombadores. Foi para isso que ele veio: para trazer a paz aos inimigos de Deus. Do mesmo modo, não cabe ao cristão o isolamento de uma vida monástica, mas a vida em meio aos inimigos. É ali que ele encontra a sua missão, o seu trabalho. “O domínio deve ocorrer entre os inimigos. E quem não estiver disposto a isso, esse não quer fazer parte do domínio de Cristo. Esse quer estar entre amigos, ficar sentado num mar de rosas, longe dos maus e na companhia de gente piedosa. Escutem bem, seus blasfemadores e traidores de Cristo! Se Cristo tivesse feito o que vocês fazem, quem poderia ter sido salvo?” (Lutero).

“Eu os sementearei entre os povos, para que se lembrem de mim em lugares distantes” (Zc 10.9). De acordo com a

¹ Bonhoeffer cita conforme a tradução de Lutero. Como o autor tende a basear sua argumentação nas formulações por vezes peculiares de Lutero, procuramos traduzir o texto da tradução alemã citada.

vontade de Deus, o povo cristão é um povo disperso, espalhado como uma semente entre “todos os reinos da terra” (Dt 28.25). Essa é a sua maldição e também a promessa que recebeu. O povo de Deus tem de viver em terras distantes, em meio aos que não creem, mas esse povo será a semente do reino de Deus em todo o mundo.

“Eu os reunirei, porque quero salvá-los [...] eles irão voltar” (Zc 10.8,9). Quando isso acontecerá? Já aconteceu, em Jesus Cristo, que morreu para que “reunisse os filhos de Deus, que estavam dispersos” (Jo 11.52). E, por fim, isso se tornará algo visível no fim dos tempos, quando os anjos de Deus reunirão os escolhidos dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus até a outra (Mt 24.31). Até aquele dia, o povo de Deus permanece na dispersão e se mantém unido unicamente em Jesus Cristo, feito um só corpo para que, semeado entre aqueles que não creem, *dele* se lembrem em terras distantes.

Assim, o fato de, no tempo que vai da morte de Cristo ao dia do juízo, cristãos já poderem viver em comunhão visível com outros cristãos é simplesmente uma graciosa antecipação das coisas do fim. Deus, em sua graça, permite que neste mundo uma comunidade cristã se reúna visivelmente em torno da Palavra de Deus e do Sacramento. Nem todos os cristãos têm acesso a essa graça. Os encarcerados,² os enfermos, os solitários na dispersão, os pregadores do evangelho em terras pagãs, todos esses estão sozinhos. Sabem que comunhão visível é graça. Oram com o salmista: “Pois eu gostaria de ir com a multidão e dirigir-me em procissão à

²Em 1938, quando Bonhoeffer escreveu este livro, muitos pastores da Igreja Confessante, inclusive ex-alunos de Finkenwalde, estavam presos.

casa de Deus, com gritos de alegria e de ação de graças, em meio à multidão daqueles que festejam” (Sl 42.4). Mas eles continuam sozinhos, em terras distantes, uma semente espalhada segundo a vontade de Deus. No entanto, aquilo que lhes é negado como experiência concreta, isso eles captam com maior intensidade por meio da fé. Assim, no isolamento da ilha de Patmos, João, um banido discípulo do Senhor, celebra o culto celestial com as suas igrejas. Ele o faz “no Espírito, no dia do Senhor” (Ap 1.10). João vê os sete candelabros, que são as suas igrejas, e vê também as sete estrelas, que são os anjos das igrejas, e no meio e por cima de tudo ele vê o Filho do Homem, Jesus Cristo, na glória excelsa daquele que é o Ressuscitado. Cristo o consola e anima por meio de sua palavra. Essa é a comunhão celestial, da qual o discípulo banido participa, no dia em que se celebra a ressurreição de seu Senhor.

Para o crente, a presença física de outros cristãos é fonte de incomparável alegria e encorajamento. Com muita saudade, o apóstolo Paulo, agora prisioneiro e nos últimos dias de sua vida, pede que Timóteo, seu “amado filho na fé”, venha visitá-lo na prisão. Quer revê-lo e tê-lo ao seu lado. Paulo nunca esqueceu as lágrimas que Timóteo havia derramado quando da última despedida (2Tm 1.4). Em outra ocasião, Paulo afirmou que, lembrando-se da igreja de Tessalônica, orava “dia e noite, com máximo empenho, para poder ir vê-los pessoalmente” (1Ts 3.10). E o presbítero João sabe que a sua alegria pelos seus apenas será completa quando puder visitá-los e conversar com eles pessoalmente, em vez de fazer isso por meio de papel e tinta (2Jo 1.12). Não é nenhuma vergonha para o crente — como se ainda fosse demasiadamente carnal — ter o desejo de encontrar-se face a face com

outros cristãos. O ser humano foi criado com um corpo. O Filho de Deus, quando veio ao mundo por nossa causa, veio num corpo. Ele foi ressuscitado no corpo. Em seu corpo, o crente recebe Cristo no Sacramento, e a ressurreição dos mortos trará a comunhão plena das criaturas de Deus, que são constituídas de corpo e espírito. Por isso, diante da presença física de um irmão, o crente louva o Criador, o Redentor e Reconciliador, Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Aquele que está preso, o enfermo, o cristão na dispersão, cada um desses reconhece na presença de um irmão na fé um sinal gracioso e visível da presença do Deus trino. Tanto quem faz a visita quanto quem é visitado no isolamento reconhecem mutuamente o Cristo, que está presente no corpo. Eles se encontram e acolhem mutuamente assim como alguém encontra o Senhor: com respeito, humildade e alegria. Eles se abençoam mutuamente com a bênção do Senhor Jesus Cristo. O simples encontro de um irmão com outro irmão já é uma grande felicidade. Diante disso, a possibilidade de, pela vontade de Deus, viver em comunhão diária com outros cristãos é de fato uma bênção de riqueza inesgotável! É verdade que aquilo que para o solitário é uma indescritível bênção de Deus facilmente é ignorado e desprezado por aqueles que têm o privilégio de viver em comunhão diária. Facilmente esquecemos que a comunhão dos irmãos na fé é um dom gracioso do reino de Deus, que pode nos ser tirado a qualquer momento.³ Facilmente esquecemos que pode ser muito breve o tempo que nos separa da mais profunda solidão. Assim, quem até o presente momento ainda pode viver

³Esta reflexão de Bonhoeffer parece inspirada no fato de que, durante a breve existência do Seminário de Finkenwalde, nem todos se mostravam entusiasmados com essa “vida comunitária”.

em comunhão cristã com outros crentes, esse deve exaltar a graça de Deus do fundo de seu coração. Esse deve, de joelhos, agradecer a Deus e reconhecer que é graça, nada mais que graça, o fato de hoje ainda podermos viver na comunhão dos irmãos na fé.

Deus concede o dom da comunhão visível em diferentes medidas. O cristão na dispersão é consolado por uma breve visita de um irmão na fé, uma oração feita em conjunto e uma bênção proferida por esse irmão. Sim, ele deriva forças também de uma carta escrita por um irmão na fé. A saudação que Paulo escrevia de próprio punho ao final de suas cartas era também sinal desse tipo de comunhão. Outros recebem o dom da comunhão no culto dominical. Ainda outros podem viver a vida cristã na comunhão de sua família. Jovens estudantes de teologia recebem durante algum tempo, antes da ordenação ao ministério, o dom da vida em comunhão com seus irmãos. Cristãos consagrados sentem hoje o desejo de, nos intervalos do trabalho, encontrar algum tempo para se encontrar com outros cristãos para um momento de comunhão sob a Palavra. A vida em comunhão está sendo vista outra vez pelos cristãos de hoje como um dom da graça de Deus, que é o que essa comunhão de fato é, a saber, o extraordinário, o “mar de rosas” da vida cristã (Lutero).

Comunhão cristã significa comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não existe comunhão cristã que seja mais do que isso ou que seja menos do que isso. Seja na forma de um único e breve encontro, seja na forma de uma comunhão diária ao longo de anos, a comunhão cristã não é outra coisa senão isso. Pertencemos uns aos outros unicamente por meio de Cristo e em Cristo.

O que significa isso? Significa três coisas. *Em primeiro lugar*, que um cristão necessita do outro por causa de Jesus Cristo. *Segundo*, significa que um cristão alcança outro cristão apenas por meio de Jesus Cristo. *Terceiro*, significa que fomos eleitos em Jesus Cristo desde a eternidade, que fomos aceitos por ele neste tempo e que permaneceremos unidos por toda a eternidade.

Em primeiro lugar, o cristão é aquele que busca a sua salvação, a sua redenção, a sua justiça não mais em si mesmo, mas unicamente em Jesus Cristo. Sabe que a Palavra de Deus em Jesus Cristo o declara culpado, também quando ele não percebe ou não sente nenhuma culpa pessoal. Sabe também que a Palavra de Deus em Jesus Cristo o declara livre e justo, mesmo quando ele não sente nada em termos de justiça pessoal.⁴ O cristão não vive mais a partir de si mesmo, isto é, a partir de uma condenação que provém dele próprio e a partir de uma justificação própria; ele vive a partir da condenação e da justificação que vêm de Deus. Vive unicamente a partir da Palavra de Deus a respeito dele, em confiante submissão à sentença de Deus, seja ela uma palavra de condenação, seja uma palavra de justificação. A morte e a vida do cristão não são determinadas a partir dele próprio. Pelo contrário, ele encontra tanto a morte quanto a vida unicamente na Palavra, essa Palavra que se dirige a ele vinda de fora, a saber, a Palavra de Deus que se dirige a ele. Os teólogos da Reforma expressaram isso assim: nossa justiça é uma “justiça alheia”, uma justiça que vem de fora (*extra nos*). Com isso deixaram claro que o cristão depende da Palavra de Deus que lhe é

⁴Esse caráter objetivo de culpa e justiça, ou seja, o fato de independer da percepção da pessoa, é uma ênfase de Lutero. Aqui, como em tantos outros lugares, Bonhoeffer deixa transparecer sua herança luterana.

anunciada. Ele se orienta para fora, na direção da Palavra que se dirige a ele. O cristão vive unicamente da verdade da Palavra de Deus em Jesus Cristo. Se alguém perguntar ao crente: “Em que consiste a sua salvação, a sua felicidade, a sua justiça?”, ele nunca poderá apontar para si mesmo. Pelo contrário, aponta para a Palavra de Deus em Jesus Cristo, a qual lhe promete salvação, felicidade, justiça. Em todos os momentos, fica com os olhos voltados para essa Palavra. Visto que diariamente tem fome e sede de justiça, sempre de novo ele busca essa Palavra redentora. E essa Palavra só pode vir de fora. Em e por si mesmo ele é pobre e está morto. A ajuda precisa vir de fora. E ela já veio e vem sempre de novo, dia a dia, na Palavra de Jesus Cristo, a qual nos traz redenção, justiça, inocência e felicidade.

No entanto, Deus colocou essa Palavra na boca de pessoas, para que seja passada adiante ou anunciada entre as pessoas. Se alguém é alcançado por essa Palavra, logo passa essa Palavra adiante. A vontade de Deus é que busquemos e encontremos sua Palavra viva no testemunho de um irmão, isto é, na palavra falada por pessoas. Por isso o cristão necessita de outro cristão, que lhe fale a Palavra de Deus. Ele necessita desse irmão sempre de novo, quando passa a ter dúvidas ou fica desanimado. Porque ele não encontra ajuda em si mesmo, a menos que queira enganar-se quanto à verdade. Ele necessita do irmão como mensageiro e proclamador da palavra divina que salva. O crente necessita do irmão unicamente por causa de Jesus Cristo. O Cristo que está em meu coração é mais frágil do que o Cristo que está na palavra falada pelo irmão. O que está em meu coração é inseguro; o que o irmão anuncia é garantido. Desse modo aparece também com clareza o objetivo da comunhão dos cristãos: eles

se encontram como proclamadores da mensagem da salvação. É nessa condição que Deus permite que eles se reúnam e lhes concede a dádiva da comunhão. É apenas por meio de Jesus Cristo e com base na “justiça alheia” que essa comunhão cristã se sustenta. Apenas podemos dizer isto: a comunhão dos cristãos deriva unicamente da mensagem bíblica, enfatizada pelos teólogos da Reforma, de que a justificação do ser humano se dá unicamente pela graça de Deus. É nela, e tão somente nela, que se fundamenta esse anseio dos cristãos de estarem uns na companhia dos outros.

Em segundo lugar, um cristão entra em contato com outro cristão apenas por meio de Jesus Cristo. Entre as pessoas reina o conflito. “Ele é a nossa paz” (Ef 2.14), escreve Paulo a respeito de Jesus Cristo. Nele, a humanidade havia muito dividida se tornou una outra vez. Sem Cristo, reina discórdia entre Deus e os seres humanos e entre uma pessoa e outra pessoa. Cristo se tornou o mediador e ele trouxe paz com Deus e paz entre os seres humanos. Sem Cristo, não teríamos conhecimento de Deus, não poderíamos invocá-lo, não poderíamos nos aproximar de Deus. Sem Cristo, também não teríamos conhecimento do irmão e não teríamos contato com ele. O caminho estaria bloqueado pelo próprio eu. Cristo desobstruiu o caminho que leva a Deus e ao irmão. Agora os cristãos podem viver em paz, uns na companhia dos outros. Podem amar e servir uns aos outros, podem se tornar um. Mas de agora em diante eles podem fazer isso unicamente por meio de Jesus Cristo. Apenas em Jesus Cristo somos um, apenas por meio dele estamos ligados uns aos outros. Ele é o único mediador e o será por toda a eternidade.

Em terceiro lugar, quando o Filho de Deus se fez carne, ele assumiu o nosso ser, a nossa natureza, unicamente por graça.